
O Oriente Médio na imprensa: uma análise do caderno Mundo na Folha de S. Paulo e O Globo¹

Lucélia Gomes PEREIRA²

Rodrigo Martins ARAGÃO³

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

RESUMO

Este artigo aborda as práticas jornalísticas usadas na produção e apresentação do noticiário sobre o Oriente Médio na imprensa brasileira. O trabalho explora a cobertura dos jornais Folha de S. Paulo e O Globo, coletando dados sobre a origem, autoria e formatos das matérias que abordam a região. Considera-se relevante entender as narrativas noticiosas levando em conta a complexidade de fatores nelas envolvidos, sobretudo no jornalismo internacional. A Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016) foi aplicada como suporte metodológico. Conclui-se que os jornais foram pautados por outros veículos e agências, em vez de pautarem o debate sobre o Oriente Médio. As coberturas majoritariamente foram factuais e ancoradas a formatos informativos, escolhas que se refletiram em abordagens de eventos, em detrimento de análises aprofundadas.

PALAVRAS-CHAVE: Processos jornalísticos; Oriente Médio; Jornalismo internacional; Folha de S. Paulo; O Globo.

INTRODUÇÃO

Como vitrine de aspectos sobre o mundo, o jornalismo usa de elementos e procedimentos próprios para informar e apresentar os acontecimentos à sociedade. No jornalismo internacional, a complexidade de fatores relacionados à editoria influi no produto final que chega ao público. Os limites financeiros, a dificuldade de acesso à determinadas fontes, o grande volume de conteúdos do exterior recebidos diariamente, a inviabilidade econômica de se manter uma rede ampla de correspondentes internacionais e a necessidade de recorrer com frequência aos despachos enviados pelas agências de notícias estrangeiras são alguns dos itens que, justapostos, afetam os conteúdos

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Comunicação e Culturas Midiáticas pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

³ Professor do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Doutor em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (2019) e mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (2012).

publicados, no concernente aos temas abordados, às fontes que ganham voz e às imagens que são veiculadas sobre um determinado tema.

Entre os territórios constantemente no jornalismo internacional está o Oriente Médio. As causas envolvem sua localização estratégica, relação com países ocidentais, ocorrência de conflitos internos e importância geopolítica para as relações internacionais.

No noticiário sobre o Oriente Médio, as escolhas jornalísticas ao longo do processo de seleção e apresentação dos acontecimentos transformados em narrativas noticiosas refletem nos conteúdos que chegam ao público e demonstram o perfil de apuração jornalística realizada pelo veículo emissor. Refletem também a ocorrência de representações provenientes do Orientalismo, fenômeno definido por Said (2007) como a tendência ocidental em representar os povos orientais de modo estereotipado.

O Orientalismo foi criado e se mantém com base na ideia de conhecimento sobre a região. Nesse contexto, os meios de comunicação são fundamentais, pois fornecem constantemente informações e cristalizam padrões de representação apresentados em suas coberturas. Dentre os exemplos estão o emprego de generalizações e falta de contextualização nos discursos que abordam o Islã, a constante presença da violência como tema das notícias, o uso do termo terrorista para se referir aos árabes na cobertura midiática do conflito entre palestinos e israelenses, além das representações islamofóbicas na mídia, como a demonização da religião e sua associação direta ao terrorismo e fundamentalismo.

Este artigo abordará de modo quantitativo e qualitativo as matérias sobre Oriente Médio no caderno Mundo dos jornais Folha de S. Paulo e O Globo, no período de 01 de janeiro a 31 de maio de 2018. Observamos origem (local de produção) e o formato dos conteúdos jornalísticos, dados que auxiliam no entendimento do modo de organização do trabalho jornalístico e permitem refletir sobre o processo de seleção, construção e apresentação noticiosa. Optamos pela Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016) como suporte metodológico usado. Para situar a discussão do tema deste artigo, apresentamos reflexões que colocam o jornalismo internacional em perspectiva, abordando a complexidade de fatores que o intermedeiam e apresentando como o Oriente Médio é tradicionalmente representado na imprensa.

O JORNALISMO INTERNACIONAL

A segmentação que trata das notícias de fora do país de origem do jornal é chamada de jornalismo internacional. Essa especialização reporta fatos ocorridos além da fronteira nacional de origem do veículo de comunicação que os noticia, sejam eles de ordem econômica, científica, esportiva ou ligada a qualquer outra temática (AZEVEDO, 2012).

Um dos protagonistas do jornalismo internacional é o correspondente, função do “jornalista sediado em um país que não o seu de origem com a missão remunerada de reportar fatos e características dessa sociedade em que vive para uma audiência de sua nação materna por meio de um veículo de comunicação.” (SILVA, 2011, p.15). Esses profissionais ficam posicionados em regiões estratégicas do mundo, como América do Norte e Europa, dada a posição político-econômica de países dessas regiões e sua influência no contexto mundial.

Apesar da importância dos correspondentes para os meios de comunicação, os altos custos em mantê-los são um dos principais empecilhos para as empresas. Como alternativa, os meios podem mandar enviados especiais para um local onde uma ocorrência de alta noticiabilidade precise ser reportada. Os enviados, no entanto, permanecem por um período curto de tempo, concentrando-se na cobertura de um evento em especial. Na ausência de correspondentes ou enviados especiais, os veículos de comunicação contratam os serviços das agências de notícias.

As grandes agências alimentam veículos do mundo inteiro com os mais diversos assuntos. Elas traduzem conteúdos, enviam informações de um país para outro, fornecem conteúdos de locais onde os repórteres não conseguem chegar, avisam sobre notícias urgentes que merecem ser cobertas, além de fornecerem materiais adicionais que aprimorem as coberturas dos jornais (AGUIAR, 2008). Para evitar a perda de clientes, as agências produzem material com potencial de ser aceito por veículos com orientações editoriais divergentes. Uma das consequências da publicação de conteúdos fornecidos por esse segmento é o cenário de uniformização das informações em diferentes meios da imprensa, como discorre Natali (2004). O limite no volume de informações disponíveis aos jornalistas acaba por interferir no noticiário final, ainda que na atualidade a internet seja usada como recurso para a apuração à distância.

As maiores agências de notícias são originárias de países economicamente desenvolvidos e ocidentais. Logo, a circulação noticiosa mundial é dominada por informações vindas de países norte-americanos e europeus, bem como de profissionais

originários deles. Consequentemente, as notícias trazem explicações que representam majoritariamente visões ocidentais sobre os acontecimentos.

Outros fatores contribuem para a complexidade da produção de notícias na editoria internacional, como a concorrência econômica, (MCQUAIL, 2012); a ausência de detalhamento das informações decorrentes da carência de apuração ampla ao noticiar um evento, a falta de acesso direto às fontes (AZEVEDO, 2012), entre outros. Além disso, há a limitação de tempo e espaço dos diários impressos e televisivos, que não dispõem de capacidade suficiente para abordar de forma ampla fatos estrangeiros.

Decorre disso a relevância em se atentar aos processos de seleção, construção e apresentação noticiosa sobre a região. A distribuição desigual das redes de informação a nível mundial, causada pelas distâncias geográficas ou incapacidade de recursos humanos torna as agências fontes privilegiadas da imprensa (AGUIAR, 2017). O grande volume de materiais publicados de agências de notícias internacionais pode trazer consigo coberturas ancoradas em visões orientalistas, com tratamentos pouco contextualizados e analíticos sobre os acontecimentos reportados. O mesmo acontece com conteúdos produzidos de modo remoto, longe da origem geográfica onde se deram os acontecimentos.

O ORIENTE MÉDIO E A IMPRENSA

Dentro do jogo midiático de enunciação e representação, existem questionamentos e críticas sobre como as narrativas produzidas pela imprensa tratam de questões complexas relacionadas ao Oriente Médio. Para alguns autores, questões entre países ocidentais e orientais são manifestadas como um choque simplista entre Oriente e Ocidente, no qual questões orientais são abordadas de forma comparativa ou antagônica às ocidentais, em vez de pautadas por si mesmas. Wainberg (2007) aponta que frequentemente é possível encontrar coberturas que enquadram as notícias a partir da representação de um embate entre correntes contrárias ou conflitos entre bem e mal, tomando uma dimensão de oposição entre dois lados, aonde o “outro” é demarcado como o inimigo.

Sahd (2011) defende que o Oriente Médio é mitificado pela cobertura midiática internacional e brasileira. Um dos mitos mais empregados ao reportar eventos da região é o do terrorismo, que relaciona-se diretamente com o de fanatismo, barbárie e fundamentalismo. Comumente empregados para caracterizar palestinos, árabes,

muçulmanos e outros grupos regionais, fazer uso desses termos tem como um dos efeitos a naturalização do discurso sobre tais populações e o reforço do estereótipo orientalista do Oriente como perigoso.

Soma-se a isso, segundo Said (2008), o desconhecimento dos próprios jornalistas na cobertura de temas internacionais na região, quando são enviados sem a experiência ou preparação que o assunto demanda. Tais aspectos são levados em consideração no presente artigo, onde buscamos identificar os formatos jornalísticos, a fim de verificar a existência de espaço para uma cobertura aprofundada que discuta devidamente temas tão complexos e permita que eles sejam compreendidos.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Tendo como objetivo geral deste trabalho explorar o modo de organização do noticiário internacional, através da observação da origem e dos formatos dos conteúdos ligados à cobertura do Oriente Médio nos jornais Folha de S. Paulo e O Globo, necessitamos seguir procedimentos metodológicos que se adequem a essas finalidades. Para isso, aplicamos como suporte metodológico a Análise de Conteúdo (AC).

Bardin (2016, p.44) define a Análise de Conteúdo como “[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.” A autora sinaliza que a técnica sistemática proporciona, entre outras coisas, a visualização de indicadores que revelam condições de produção e recepção das mensagens midiáticas.

Nosso *corpus* analítico consiste nas matérias veiculadas na editoria internacional dos jornais Folha de S. Paulo e O Globo – em suas versões impressas, no período de 01 de janeiro a 31 de maio de 2018. Delimitamos este recorte temporal porque dentro deste período de cinco meses ocorreram eventos importantes para a cobertura da região, tais como o marco de 7 anos de início da guerra civil na Síria e o aniversário de 70 anos da fundação do Estado de Israel. A escolha pelos jornais se deu pela intenção de trabalhar com veículos de abrangência nacional, grande tiragem e tradição na imprensa nacional. Além disso, optou-se por selecionar um jornal com sede em São Paulo e outro no Rio de Janeiro. Ambos os veículos identificam o caderno de notícias internacionais com o título ‘Mundo’.

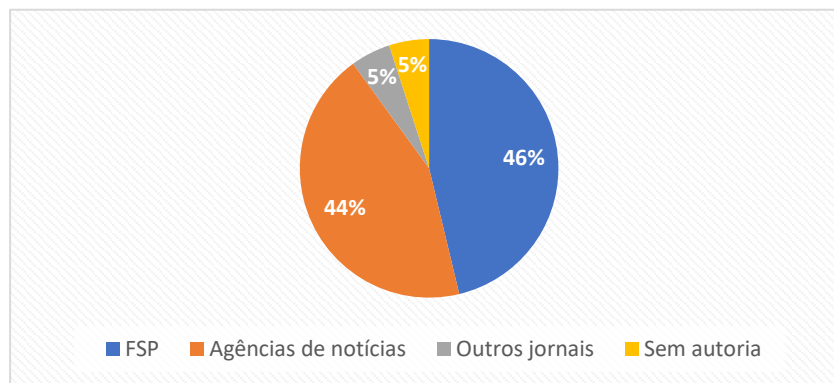
A pré-análise consistiu em selecionar todas as notícias que fizeram menção ao Oriente Médio, seja no título da matéria, subtítulo ou ao longo do texto. Posteriormente,

sucedeu-se a leitura superficial das notícias, para identificar se, de fato, todas tinham questões do Oriente Médio como temática central. As que não atendiam a esse critério foram descartadas. Nesta fase, chegamos ao total de 314 matérias, sendo 160 da Folha de S. Paulo e 154 de O Globo. Estão incluídas no número final as narrativas nos formatos de notícias, reportagens, análises, entre outros. As matérias foram coletadas por meio dos acervos online da Folha de S. Paulo (FOLHA DE S. PAULO, 2020) e de O Globo (O GLOBO, 2020), onde estão disponíveis as edições impressas integrais dos dois veículos. Guiados pela intenção de ter uma perspectiva geral das características das matérias, apresentamos os dados quantitativos e qualitativos sobre o material, descrevendo alguns dos principais elementos que compõem a cobertura analisada.

ORIGEM DAS MATÉRIAS

A apresentação da origem das matérias foi organizada por: matérias de agências de notícias; matérias autorais do próprio jornal; matérias de outros jornais; e matérias sem autoria. Identificamos os dados com base nas informações mencionadas por cada veículo. O gráfico 1 apresenta os dados da Folha de S. Paulo ao longo dos cinco meses de cobertura:

Gráfico 1: Origem das matérias na Folha de S. Paulo



Fonte: Os autores, 2020

O percentual de 46% do conteúdo, o que representa um total de 74 matérias, foi produzido por jornalistas do próprio jornal Folha de S. Paulo, configurando o tipo de autoria predominante. O número final compreende conteúdos de todos os formatos, como notícias, reportagens, colunas e comentários. As matérias foram publicadas com o nome do jornalista e a cidade onde foi produzida – exceto nas colunas –, o que permite conhecer a origem completa do conteúdo, ao menos em termos de autoria do texto. O total de 17

matérias foram escritas no Brasil e 46 fora dele, por correspondentes ou enviados especiais.

A produção de conteúdo autoral como maioria da cobertura pode ser considerada como um ponto positivo. A existência de uma rede de correspondentes no exterior permite publicar notícias com um olhar brasileiro sobre um determinado fato, produzindo materiais que não serão fornecidos por agências ou outras empresas.

O material de agências de notícias esteve presente em 44% do conteúdo, com 70 matérias. Destas, 34 mencionam o nome das agências de origem. Algumas matérias mencionam o nome de mais de uma agência na mesma notícia, por isso o número de vezes que o nome de agências apareceu é maior que o número total de matérias que tiveram informações dessas empresas. 27 conteúdos vieram de despachos da britânica *Reuters*; 12 da francesa *Agence France-Presse* e 11 da agência estadunidense *Associated Press*, denotando o protagonismo de empresas do contexto norte-americano e europeu produzindo os conteúdos sobre o Oriente Médio reproduzidos pela Folha de S. Paulo. Em duas publicações, as informações das agências foram usadas em parceria com conteúdos dos próprios jornalistas e de outros jornais. Nenhuma agência oriental foi mencionada, apesar da existência dessas empresas em diferentes países médio-orientais, como a *Middle East News Agency* (MENA), do Egito; a iraniana *Islamic Republic News Agency* (IRNA) e a palestina *Palestinian News & Information Agency* (WAFA).

Por 36 vezes, a Folha de S. Paulo publicou matérias advindas de agências sem divulgar o nome da empresa. O número representa 60% de todas as matérias originárias de agências. Esse comportamento impede a identificação de mais informações sobre a origem dos conteúdos, bem como pesquisas que produzam reflexões e inferências sobre os contextos de produção.

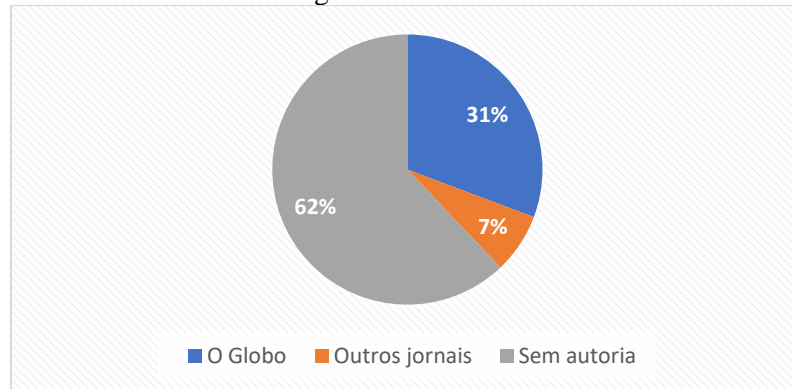
Um percentual de 5% do conteúdo publicado mencionou outros jornais como fonte. A porcentagem representa 8 matérias. Sete delas foram originárias do jornal *The New York Times* e uma do *Washington Post*. A notoriedade do *NY Times* faz com que os assuntos enfatizados por ele sejam também enfatizados por outros veículos em diferentes mídias. A proeminência em preferir conteúdos dos mesmos veículos internacionais demonstra o poder de certas empresas em influenciar tópicos de veículos menores.

O total de 5% do conteúdo publicado não mencionou autoria, representando o total de 8 matérias. Quando a autoria não foi revelada, a única informação divulgada sobre a origem do material foi a cidade de onde o texto foi produzido: 4 de São Paulo, uma de

Brasília, uma de Istambul, na Turquia, uma de Jerusalém e uma em Cabul no Afeganistão. A falta de autoria esteve presente em conteúdos de formatos tradicionalmente assinados, como notícias. Situação que, mais uma vez, impede o conhecimento sobre a origem dos conteúdos veiculados pela Folha de S. Paulo.

Partindo para as constatações sobre o jornal O Globo, apresentamos o gráfico 2 abaixo:

Gráfico 2: Origem das matérias em O Globo



Fonte: Os autores, 2020

Foram encontradas 95 matérias que não mencionavam a autoria, percentual correspondente a 62% do total de conteúdos publicados sobre o Oriente Médio. Ou seja: em mais da metade das matérias que abordaram questões médio-orientais, é impossível identificar as origens do conteúdo. No caso de matérias sem autoria, O Globo publica apenas o nome da cidade de onde elas foram produzidas: 72 mencionavam como origem cidades do Oriente Médio, sobretudo Teerã (17), Damasco (16) e Jerusalém (11); 25 citavam cidades da Europa, 19 mencionavam a América do Norte, com Nova York e Washington; e uma citava a cidade asiática de Pequim, capital da China. Foram frequentemente encontradas matérias que mencionavam mais de uma cidade de origem, tendo em vista o recebimento de informações de diferentes lugares para a produção do texto final.

Agências de notícias só foram citadas uma vez, em matéria de 25 de março, feita com informações da francesa *Associated France Press*, característica que dá margem a duas possíveis interpretações: que o veículo não costuma usar as agências de notícias como fonte ou que utiliza informações sem mencionar a fonte original.

Sem referência sobre a autoria, a produção de estudos que se debruçam sobre o contexto de produção das matérias publicadas é prejudicada. Impede também a

interpretação dos próprios leitores sobre as influências do jornal, sobretudo em relação a quais profissionais ou veículos estão por trás das narrativas, quais as agências contratadas pelo jornal ou as tendências por trás do jornal que originalmente publicou aquele texto. Conjuntamente, inviabiliza a busca pelo texto original.

Pouco mais de 31% das matérias foram feitas por jornalistas do próprio jornal, o que representa o número total de 47 publicações. Incluem-se nesse número conteúdos produzidos por repórteres e colunistas do veículo. O percentual é pequeno, se comparado ao grande número de tópicos sem autoria. A ausência de uma maior representatividade de conteúdos autorais em O Globo demonstra ausência de conteúdos produzidos sob a perspectiva de profissionais brasileiros, que apresentem um olhar próprio sobre os temas abordados.

O conteúdo originário de outros jornais esteve presente em 11 matérias, totalizando 7% da porcentagem total. Nesses casos, O Globo mencionou apenas o nome do jornal de origem, sem citar o jornalista que escreveu ou preparou as informações. A maioria das matérias foram originárias do diário estadunidense *The Washington Post*.

A comparação entre os dados dos dois jornais permite visualizar que a Folha de S. Paulo tem um percentual bem maior de matérias autorais (46%) que O Globo (31%). O jornal paulista menciona o nome das agências de notícias quando elas são fonte das narrativas apresentadas, enquanto O Globo oculta essa informação, deixando dezenas de matérias sem autoria.

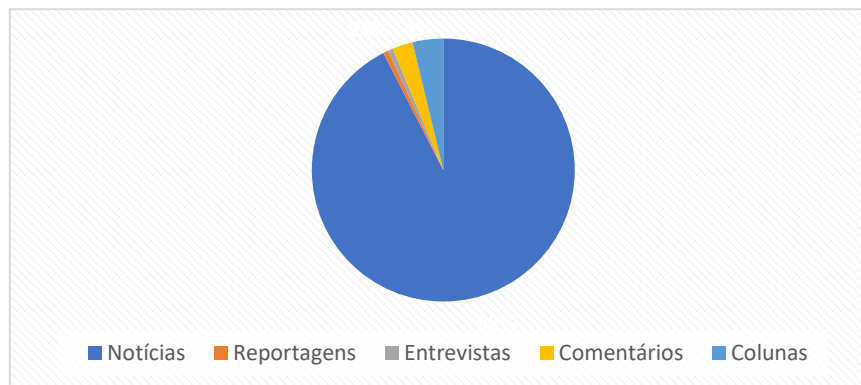
Levando em consideração que as narrativas jornalísticas compreendem e comunicam algo ao público a partir de uma ótica própria, informações claras sobre a origem dos materiais veiculados ajudam a entender elementos que estejam por trás da agenda dos veículos, como por exemplo quais são as agências contratadas por eles e quais veículos internacionais pautam suas narrativas. Quando os jornais optam por não revelar essas informações aos leitores, a consciência e esclarecimento sobre os conteúdos ficam comprometidos.

FORMATOS DAS MATÉRIAS

Apresentamos a classificação das notícias com base nos formatos do material. Para isto, seguimos a classificação proposta por Marques de Melo (1994), por ser a maior referência bibliográfica brasileira em relação ao assunto. O autor divide os materiais

jornalísticos em cinco gêneros: informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário. A partir desses gêneros, subdivide-os em formatos, submetidos aos gêneros iniciais. Os formatos, “são, em resumo, o instrumento – a forma – que emissores adotam para se manifestar e para fazer circular conteúdos elaborados em harmonia com circunstâncias distintas. (MARQUES DE MELO, ASSIS, 2016, p. 47). Tratam-se das diferentes formas pelas quais os gêneros se apresentam. Na presente pesquisa, os formatos encontrados foram notícia, reportagem, entrevista, coluna e comentário.

Gráfico 3: Formatos das matérias na Folha de S. Paulo



Fonte: Os autores, 2020

Durante o recorte deste trabalho, foram encontrados 92% dos materiais no formato de notícias, contabilizando 147 ocorrências; 4% em colunas, com 6 ocorrências; 2% de comentários, que apareceram 4 vezes; 1% de entrevistas, com apenas uma ocorrência; e 1% de reportagens, com também apenas uma ocorrência.

A ampla maioria dos materiais que reportaram assuntos médio-orientais nas publicações da Folha que compõem o recorte deste trabalho está em formato de notícias. Os relatos sobre o Oriente Médio na Folha são predominantemente de natureza informativa, a partir do registro de fatos da realidade social. As notícias derivam de novos acontecimentos sobre um fato, visto que, uma das principais características desse formato é a presença da novidade. Dessa forma, os relatos sobre a região são condicionados a novos acontecimentos existentes sobre um dado tema, de modo bem mais factual que conteúdos que interpretem os relatos ou expressem críticas, por exemplo.

O formato entrevista foi encontrado em apenas um material do jornal Folha de S. Paulo, publicada em 14 de janeiro, com Gaby Lansky, advogada de Ahed Tamimi, ativista palestina presa por agredir soldados israelenses. Segundo manual do jornal, as entrevistas visam proporcionar aos leitores opiniões e pensamentos de personagens que tenham algo

importante a expor, ou de entrevistados que estão em evidência especial (FOLHA, 1996). A prisão da ativista ganhou evidência e ela tornou-se um dos símbolos da luta palestina. No entanto, a entrevista foi formada por apenas 4 perguntas, questionando a advogada quantos atos da jovem, e as consequências da prisão. A variação entre o número de assuntos médio-orientais reportados ao longo dos cinco meses explorados e a ausência de um número expressivo de entrevistas publicadas pelo veículo aponta uma discrepância relevante.

Das 160 matérias da Folha de S. Paulo, 6% fazem parte do gênero opinativo. Neste caso, formados pelos comentários e pelas colunas. Os comentários apareceram 4 vezes ao longo da cobertura explorada. Desde o título usado, esses formatos apresentam juízos de valor sobre os temas abordados. Alguns exemplos são as matérias ‘Cinismo predomina no discurso sobre a guerra civil na síria’, publicada em 15 de abril e ‘Com documentos, Israel dinamita o acordo com o Irã’, veiculada em 01 de maio.

As colunas estiveram presentes em 4% da cobertura sobre o Oriente Médio, com 6 ocorrências. Elas se caracterizam pela disposição gráfica própria, indicando sempre quem é o autor, e veiculada nos mesmos dias da semana, de forma programada e em local fixo na página. Em relação às colunas que comentavam questões médio-orientais os autores foram os jornalistas Clóvis Rossi e Jaime Spitzcovsky, ambos com carreiras no jornalismo internacional.

Nas colunas da Folha, os temas abordados foram os protestos no irã, ocorridos entre janeiro e fevereiro de 2018; os impasses do conflito entre Israel e Palestina e a guerra na Síria. A escolha dos temas esteve ancorada aos acontecimentos factuais que ocorreram ao longo dos cinco meses. Os elementos da violência e do conflito estão presentes nas temáticas de todas as colunas encontradas. Tradicionalmente, as narrativas sobre a região têm a constante presença de elementos negativos. Na Folha de S. Paulo essa tendência manteve-se presente.

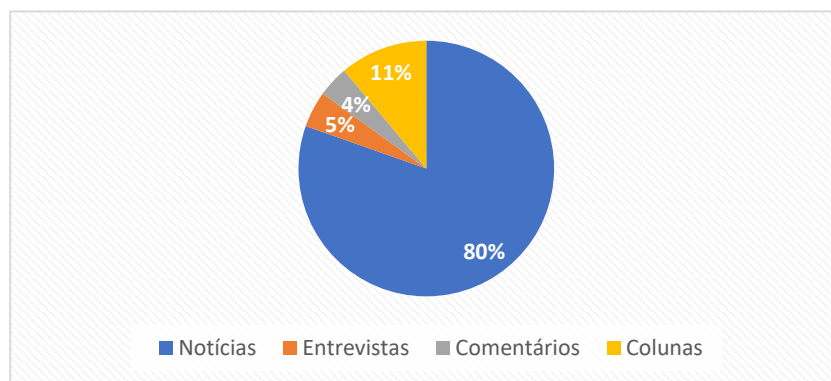
Quanto às reportagens, a presença deste formato no jornal foi quase nula, com somente uma ocorrência. A densidade e amplitude nos relatos – marcas presentes em reportagens – são ingredientes ausentes no que tange às coberturas sobre a região, voltadas muito mais para relatos factuais no formato de notícia. A única reportagem encontrada na Folha de S. Paulo durante o período observado foi publicada em 18 de abril, data que marcou a comemoração dos 70 anos da fundação do Estado de Israel,

segundo o calendário judaico. A reportagem abordou sob vários aspectos a criação de Israel e sua história.

O conteúdo ocupou duas páginas inteiras do jornal impresso, um espaço considerável, tendo em vista que as editorias internacionais não dispõem de muitas páginas pra fazerem extensas coberturas. No entanto, a presença única desse tipo de formato com conteúdo ampliado no jornal demonstra que, na maior parte do tempo, a cobertura se concentra em privilegiar eventos, e não a contextualização deles, suas causas ou desdobramentos.

Partimos para a classificação dos formatos do material no jornal O Globo. Das 153 narrativas encontradas, 85% fazem parte do gênero informativo, divididas entre entrevistas e notícias. O percentual de 15% foi formado por matérias opinativas, formadas por comentários e colunas.

Gráfico 4: Formatos das matérias em O Globo



Fonte: Os autores, 2020

A ampla maioria dos conteúdos (80%) contempla o formato notícia. Foram 123 ao longo dos cinco meses de observação do jornal. O gênero informativo, como era de se esperar, domina as páginas do noticiário internacional. As notícias têm como requisito indispensável a novidade. Novos acontecimentos ou desdobramentos de acontecimentos antigos ganham espaço nas páginas do jornal. A cobertura sobre a região em O Globo foi dominada pelo factual, como a ocorrência de conflitos, atentados, protestos no Irã, operações da Turquia contra milícias curdas na Síria, e outras situações exploradas no gênero predominantemente informativo.

A reportagem, formato utilizado apenas uma vez pela Folha de S. Paulo, em O Globo não foi identificada nenhuma vez. Datas marcantes como os sete anos de guerra na Síria e o aniversário de 70 anos de fundação de Israel foram abordados e podem ser

considerados relatos de acontecimentos que já eclodiram no organismo social. No entanto, essas narrativas não trouxeram a amplitude e densidade necessárias para serem consideradas reportagens. Optamos, então, por inseri-las no formato de notícias.

As entrevistas diretas no formato de perguntas e repostas corresponderam a 5% do total de matérias encontradas, com 7 ocorrências. Cinco delas foram feitas com algum tipo de profissional sobre o tema abordado. Identificamos a preferência do jornal O Globo em trazer como entrevistados especialistas e profissionais sobre os temas que estiveram em ênfase no período explorado, em detrimento de pessoas comuns. Alguns deles foram o Presidente da Sociedade Brasileira de Direito internacional, Antônio Celso Pereira,; o diretor do Centro de Estudos sobre o Oriente Médio da Universidade de Michigan, Samer Ali e o embaixador do Brasil na Palestina, Francisco Mauro de Holanda. Todos foram enfocados como fontes dotadas de um certo grau de autoridade sobre o assunto que abordaram.

Em 21 de janeiro, uma entrevista deu espaço a uma pessoa comum, sem status de estudiosa ou especialista. Tratava-se de Noa Golan, jovem israelense de 19 anos que se recusou servir ao exército de Israel. A entrevista complementava uma matéria sobre o crescimento na incidência de jovens israelenses que se recusam a servir por, entre outras razões, não concordarem com as ações de ocupação do país em territórios palestinos.

No gênero opinativo as colunas são o formato mais presente. Ao longo dos cinco meses contabilizamos 17 delas, sempre produzidas pelos jornalistas Guga Chacra e Adriana Carranca. O total de 6 comentários também contempla o conjunto de matérias opinativas sobre a região. No jornal, este formato é intitulado como análise. Dos 6 comentários, 4 deles eram publicações originárias de outros jornais: dois do britânico *The Independent*, um do espanhol *El País* e um do argentino *La Nación*. Apesar de pouco representativo, a presença de comentários de diferentes jornais sediados em diferentes países traz críticas um pouco mais diversificadas, ao menos em relação à origem delas. A frequência de formatos do gênero opinativo em O Globo (15%) é maior que na Folha de S. Paulo (6%). A presença de análises é, portanto, mais constante na publicação carioca, o que pode indicar uma intenção mais focalizada em discutir os desdobramos dos acontecimentos e apresentar leituras da realidade e pontos de vista ao leitor.

É notório que os dois jornais privilegiam o formato de notícias, item do gênero informativo. As narrativas sobre a região estão predominantemente ancoradas a matérias descritivas, em detrimento de construções opinativas ou interpretativas, que tenham

espaço para apresentar visões diversas sobre os relatos. As reportagens, feitas para ampliar a interpretação sobre um acontecimento importante, quase não estiveram presentes ao longo dos cinco meses de observação, mesmo em meio à datas importantes como o aniversário de sete anos da guerra na Síria, completado no mês de março de 2018.

As entrevistas, comentários e colunas são mais presentes em O Globo. No caso dos comentários, o jornal apresenta uma maior diversidade de veículos de onde o formato foi retirado, mesmo que nenhum dos dois jornais tenha publicado matérias de veículos orientais. Quanto ao agendamento intermídia, este esteve presente tanto em O Globo quanto na Folha de S. Paulo, evidenciando o poder de jornais mundialmente proeminentes reverberarem suas narrativas sobre o Oriente Médio em outras regiões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Olhando para os dados encontrados na Folha de S. Paulo, é possível identificar o alto número de matérias provenientes de agências de notícias e de outros jornais, o que revela que o veículo está sendo pautado por outras fontes noticiosas, em vez de pautar o debate sobre o Oriente Médio. Quanto ao jornal O Globo, é problemática a falta de dados sobre a utilização das agências como fonte das matérias, o que impede a identificação de autoria de dezenas de textos, comprometendo a consciência e o esclarecimento sobre os conteúdos publicados. Nenhuma agência de notícias oriental foi mencionada no processo de produção das matérias em ambos os jornais, o que pode indicar um ponto de vista ocidental e orientalista das coberturas. As informações que circularam foram repassadas por agências e jornais ocidentais, sobretudo norte-americanos e europeus. Esses elementos ficaram refletidos em coberturas majoritariamente factuais, com a pretensão de uma possível perspectiva neutra sobre os temas abordados.

A análise sobre o uso dos formatos jornalísticos denota que a cobertura sobre a região esteve ancorada no informativo e factual, características já esperadas em se tratando de jornais impressos tradicionais, que tem a objetividade como meta explícita em seus manuais. Formatos que ampliem a interpretação sobre os acontecimentos tiveram presença mínima. Essas escolhas refletem o tipo de cobertura feita sobre a região, pautada em eventos e não em análises. Identificamos que os dois elementos apontam para um processo de produção que pode ser indicador de uma cobertura ocidental da região, o que, se não reforça, não contrapõe a visão orientalista.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Pedro. Por uma História do Jornalismo Internacional no Brasil. In: VI Encontro Nacional de História da Mídia, 2008, Niterói. **Anais eletrônicos...** Niterói: Rede Alfredo de Carvalho, 2008. Disponível em: < [http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-](http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/Por%20uma%20Historia%20do%20Jornalismo%20Internacional%20no%20Brasil.pdf/view)

[1/Por%20uma%20Historia%20do%20Jornalismo%20Internacional%20no%20Brasil.pdf/view](http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/Por%20uma%20Historia%20do%20Jornalismo%20Internacional%20no%20Brasil.pdf/view)>. Acesso em: 10 jun. 2020.

_____. Mapeamento de Agências de Notícias: localização de correspondentes e escritórios das principais empresas do setor. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 40., 2017, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Universidade Positivo, 2017. Disponível em: < <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2466-1.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

AZEVEDO, Ana Cristina. Jornalismo internacional. In: PENA, Felipe (org.). **1000 perguntas sobre jornalismo**. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

FOLHA DE S. PAULO. **Acervo Folha de S. Paulo**. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/index.do>>. Acesso em: 12 jan. 2020.

_____. **NOVO MANUAL DA REDAÇÃO**. São Paulo: 1996, 6ª. ed. Disponível em: < https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_redacao.htm>. Acesso em: 15 jul. 2020.

MARQUES DE MELO, José. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 39, n. 1, p. 39-56, 2016.

MCQUAIL, Denis. **Atuação da mídia: comunicação de massa e interesse público**. Porto Alegre : Penso, 2012.

NATALI, João Batista. **Jornalismo Internacional**. São Paulo: Contexto, 2004.

O GLOBO. **Acervo digital O Globo**. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/>>. Acesso em: 12 jan. 2020.

SAHD, Fábio Bacila. **Oriente Médio desmistificado: fundamentalismo, terrorismo e barbárie**. Curitiba: CRV, 2011.

SAID, Edward. **Covering Islam: How the media and the experts determine how we see the rest of the world**. Random House, 2008.

_____. **Orientalismo: O oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Correspondente internacional**. São Paulo: Contexto, 2011.

WAINBERG, Jacques A. **A pena, a tinta e o sangue**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.